

Betty Milan

FALE COM ELA

SUMÁRIO

Apresentação	13
1. Fantasia de ser violentada	17
2. Fidelidade virtual	20
3. Exibicionista	23
4. De repente acabou	26
5. O gosto da derrota	29
6. Paixão via internet	32
7. Mãe é mãe	35
8. Meio galã	38
9. Luto	41
10. Ciberlover feliz	44
11. Abuso sexual	47
12. Vício de travesti	50
13. O gozo perdulário da insatisfação	52
14. <i>Gay</i> sim senhor	55
15. Espada ou flor?	58
16. O caminho da arte	61
17. Solidário	64
18. Humilhada e ofendida	67
19. A beleza no amor	70

20. Barril de pólvora	73
21. Quem ama não incrimina	76
22. Indecisa	79
23. Don Juan	82
24. Aids não é sujeira	85
25. Indignada	88
26. Humano simplesmente	91
27. Antimachista	94
28. O namorado	97
29. Aspirante	100
30. Revoltado	103
31. Infiel	106
32. Vinte anos	109
33. Vítima do vício	112
34. Olhos vendados	115
35. Por um fio	118
36. Eternamente insatisfeita	121
37. Antes só	124
38. Escandalizada	127
39. Dilema	130
40. Escravidão	133
41. Dúvida cruel	136
42. Depende da pessoa	138
43. Carente e solitária	141

44. Uma escolha infeliz	143
45. Rapidinho	146
46. Inconformado	149
47. Agoniada	152
48. A outra	154
49. Suicídio	156
50. Maltratada	158
51. Dependente	160
52. Barbárie	162
53. Insatisfeita	164
54. Nem dama e nem trovador	166
55. Ser ou não ser criminoso	168
56. Desgosto	170
57. De mãos atadas	173
58. Sisudo	175
59. Grávida a contragosto	177
60. Homopolítico	179
61. Trovador	181
62. Masturbação inveterada	183
63. Língua presa	185
64. Desacordo velado	187
65. Crise existencial	189
66. Ciúme	191
67. De alma presa	193

68. O outro	195
69. Murro em ponta de faca	198
70. Garota sagaz	200
71. <i>Voyeur</i> com muito gosto	203
72. Bissexual	205
73. Ele quer e ela não	207
74. Não sem compaixão	209
75. Preconceito	211
Notas	215
Agradecimento	253

APRESENTAÇÃO

Ela deseja que o marido seja violento na cama. Quando ele se recusa a isso, a relação se torna problemática. O que dizer a essa mulher? Ou à outra que é infeliz por gostar de um homem que “é tudo na cama”, porém “é um cachorro”?

E o que dizer ao marido que veste a esposa de *call girl* e se maldiz por ser exibicionista? Ao rapaz que prefere o amigo à namorada para transar, só que não gosta de *gay*? Ao jovem da favela, que se diz admirado tanto por grandes criminosos quanto por empresários e não sabe se vai pelo caminho do crime ou pelo caminho do bem? Essas são algumas das questões a que eu respondi no estreito território de 25 linhas da coluna “Fale com ela”, publicada aos domingos na *Revista da Folha*.

A coluna se inscreve numa tradição da nossa cultura – a do consultório sentimental – que data da antiguidade. Assim, na maioria de suas cartas e tratados morais, Sêneca atende a amigos que escrevem pedindo conselhos. No Brasil, o consultório sentimental mais conhecido foi o de Nelson Rodrigues, que se valia do pseudônimo Mirna e respondia como se fosse uma cartomante.

Em *Fale com ela*, assumo a posição do escritor que tem formação psicanalítica, e não a posição do analista. Simplesmente porque não existe cura analítica pelo jornal. O que o colunista comprometido com a verdade pode fazer é indicar o caminho no qual é possível encontrar uma solução. Noutras palavras, ele não pode dar a solução, a menos que seja um ilusionista.

Para desenvolver a coluna, eu me baseei na queixa e no pedido do leitor, assim como no estilo do seu texto, nas repetições e nos lapsos. Procurei esquecer o que havia estudado para me debruçar livremente sobre a pergunta até encontrar a resposta que ela sugeria. Só então eu me remeti às minhas leituras, a fim de ilustrar a afirmação com textos de outros autores, os que mais me marcaram ao longo da vida e, de certa forma, serviram para a minha educação sentimental.

Não foi a obediência a esta ou àquela doutrina que me guiou neste trabalho. Foi o desejo de aprender fazendo e o

de transmitir duas ideias. A primeira afirma que é tão possível se liberar dos preconceitos quanto da tirania da moda – uma tirania que durante a Revolução Sexual, por exemplo, obrigava os homens a transar continuamente, e as mulheres a dizer *sim* a qualquer proposta masculina. A segunda sustenta que, para não estar continuamente sujeito ao inconsciente, é preciso levar em conta a sua existência e decifrá-lo quando isso se impõe.

Procurei fazer a palavra *liberdade* ressoar, valorizando a particularidade de cada história e promovendo a diferença de cada leitor. Talvez por isso eu tenha recebido e-mails de pessoas dos dois sexos, de idades diferentes e de todas as camadas sociais.

Os temas aqui abordados são muitos e seria exaustivo expô-los na apresentação deste livro, que reúne as colunas e explicita as referências que utilizei, sendo destinado a quem deseja se debruçar sobre a experiência alheia para se conhecer.

I

FANTASIA DE SER VIOLENTADA

Eu não sentia mais desejo de sexo. Isso deixou meu marido tenso, inseguro. A gente brigava quase todo dia. Até que uma noite, no meio de uma briga, ele resolveu forçar as coisas entre nós. Foi quando percebi que a violência dele me excitava. Senti um prazer que nunca tinha sentido antes.

Depois daquela noite, passei a sonhar que ele me obrigava a fazer amor. Eu provocava brigas para que ele ficasse irritado e fizesse amor comigo de um jeito agressivo. Tudo ia bem até que resolvi confessar a minha descoberta. Passei a pedir que fosse mais agressivo, fingisse que estava me forçando a fazer amor.

No começo, ele aceitou. Mas agora está deprimido. Não quer mais. Quero consultar um especialista para saber de onde vem o problema. Será algum trauma de infância que pode ser tratado?

É uma coisa temporária ou será que o meu desejo sexual vai estar sempre ligado a essa fantasia? Isso é normal?

Tudo ia bem até você “se confessar”, assumir seu masoquismo e pedir ao seu marido que assumisse o sadismo – fingindo que te violentava. Ele não quer ser um sádico assumido. Tanto melhor. O sexo limitado ao sadomasoquismo ou a qualquer outra forma de perversão tende a ser monótono. Basta ver a literatura inspirada na filosofia do Marquês de Sade ⁽¹⁾ para se dar conta disso. O bordel dos libertinos faz pensar numa escola. O chicote lembra a palmatória.

O problema é menos o de ter a fantasia de ser violentada do que o de insistir numa só maneira de transar. Quem depende da violência para se excitar não tem liberdade e, nesse caso, a experiência da sexualidade – que pode ser uma aventura – torna-se pobre.

Como o masoquismo é uma possibilidade de todos, a fantasia de ser estuprada é mais comum do que se supõe. Era a da personagem do famoso *História de O*, um romance escrito por Pauline Réage ⁽²⁾, que vendeu 1 milhão de exemplares. Agradou pelo masoquismo da personagem, que se entregava diante do amante a qualquer um que ele escolhesse e considerava uma honra fazer isso. Do começo ao

fim, O obedece aos imperativos de René, e o romance é a história bem narrada da sua humilhação.

Não sei se a sua fantasia é temporária ou definitiva. Depende do que você fizer com ela. Sei que está ligada a um trauma ocorrido no passado e que este pode ser reinventado. Recriando-o através da arte ou decifrando-o através da cura analítica. O passado é como a esfinge. Decifra-me ou te devoro ⁽³⁾.

**O SEXO LIMITADO
A QUALQUER PRÁTICA
É MONÓTONO**

FIDELIDADE VIRTUAL

Foi pela internet que eu conheci o meu cyberlover. Ele mora em Nova York e eu no Rio. Tivemos um relacionamento amoroso (sem sexo) que durou oito meses. Ele rompeu comigo alegando que a transa virtual não o satisfazia. Passamos a nos comunicar como amigos, de vez em quando.

Um dia, ele me contou que conheceu a garota com quem pretendia se casar. Fiquei doente com a notícia. Um mês depois, fui para Nova York. Vendo o cyberlover, eu não acreditei no que vi. Um loiro de olhos amendoados. O meu tipo! Impossível aceitar a perda. No meu desespero, peguei o primeiro voo de volta para o Brasil.

Vinte dias, e eu recebi um e-mail dele dizendo que havia rompido o noivado. Bastou para que a mais tórrida das transas co-

meçasse. Sei perfeitamente que ele pode sair, namorar, transar com outra nos Estados Unidos. Isso não me afeta. O que eu quero é a fidelidade virtual. Sou fiel e poderia ser feliz se não tivesse tanto medo de perdê-lo. O que fazer?

Ele se separou de você porque queria sexo e da noiva porque queria você. O ciberlover te ama. Mas você pode ficar sem nada se continuar só na internet. Ele já rompeu uma vez porque o amor por e-mail não o satisfazia. Que tal propor um encontro? Você assim tenta dar um outro rumo para a sua história. O termo usado nas empresas é redirecionar, e cada um de nós é empreendedor de si mesmo.

A distância pode ser vencida, o oceano, atravessado, para os que se amam se encontrarem no continente do amor, um continente sem fronteiras, onde a nacionalidade não importa e só a palavra *junto* conta verdadeiramente. O que o amante mais quer é a presença do amado, cujo efeito é sempre miraculoso, transforma qualquer lugar num oásis. Quando o amado aparece, ele suspende a realidade. Por isso, até numa cidade em ruínas os amantes ficam bem.

Os ciberlovers não se tocam, um não sabe da pele do outro, do calor da boca ou do perfume do corpo. Eles se excitam e se satisfazem sem o prazer da carícia. Não passam do

virtual para o real para evitar o risco de uma contrariedade. Só que o sexo pela internet tende a se tornar repetitivo. O amor requer a renovação, que é a verdadeira fonte da juventude. Quem não muda e não rompe hábitos não se renova, envelhece precocemente. Todos os hábitos são suspeitos, diz Clarice Lispector ⁽⁴⁾, aconselhando a romper os maus hábitos e também os bons.

“Nunca parar de começar” ⁽⁵⁾ é um bom lema, o segredo de uma juventude prolongada. Que tal começar de outra maneira a história com o ciberlover?

A PRESENÇA DO AMADO TRANSFORMA QUALQUER LUGAR NUM OÁSIS

EXIBICIONISTA

Tenho vergonha do que vou escrever. Só escrevo porque a minha tara me enlouquece. Sou casado há vinte e cinco anos e eu me detesto pelo que faço com a minha esposa. Visto-a de call girl: camiseta, shortezinho transparente – sem calcinha e sem sutiã. Da última vez, dei a ela um body preto aberto no meio do sexo. Para irmos a uma boate. Bastava ela se distrair e o sexo aparecia.

Um, dois, três uísques, e ela, esquecida da roupa, abriu um pouco as pernas. Um homem veio tirar a minha esposa para dançar. Ela não quis, e ele a xingou. “Putinha, putinha...” Levantei para bater no sujeito e fui posto na rua.

Voltei para casa com ela aos prantos. Depois disso, não parei mais de tomar soníferos e calmantes. De tarado, passei a traumatiza-

do, culpado. Há anos eu exibo a mulher que amo – e que me ama – só pelo prazer que a cobiça dos outros me dá, pela excitação. Há anos ela se submete. O que eu faço para me livrar da minha tara?

Você sabe que, se não pedisse, a sua esposa não se vestiria de *call girl*. Do contrário, não teria escrito: “Há anos ela se submete”. Você contraria a disposição natural dela e diz que a ama. Quem ama não se serve do parceiro – como de um mero instrumento – para ficar “excitado”. Considera que o acordo está acima do gozo. O mea-culpa só faz sentido se você procurar saber por que o olhar de um outro te excita, se descobrir o motivo da sua “tara”. Para tanto, precisa aceitar que o inconsciente existe e se dispor a escutá-lo, rememorando a sua história com a pessoa que você escolher para isso.

Há duas razões pelas quais alguém que tem uma conduta autodestrutiva insiste nela. Ou por não querer abrir mão do gozo que a conduta propicia ou por não poder admitir que está sujeito a algo que lhe escapa e determina os seus atos: o inconsciente. Não é fácil admitir que não somos donos de nós mesmos.

Preferimos fazer de conta que não cometemos um lapso ou um ato falho a considerá-los e aprender com eles.

Poderíamos tomá-los como sinais úteis para nos reorientar. O personagem de *O alquimista* ⁽⁶⁾, aliás, faz isso do começo ao fim do livro.

Ao introduzir o conceito de inconsciente, Freud ⁽⁷⁾ sabia que encontraria resistência, pois estava infligindo aos seus contemporâneos uma ferida narcísica – por isso, justificou mais de uma vez a necessidade e a legitimidade do novo conceito.

Queira ou não, o inconsciente faz e fala por nós. Quem renuncia à paixão da ignorância e dá ouvidos a ele se torna mais livre. Por que não ousar a liberdade?

O INCONSCIENTE FAZ E FALA POR NÓS